

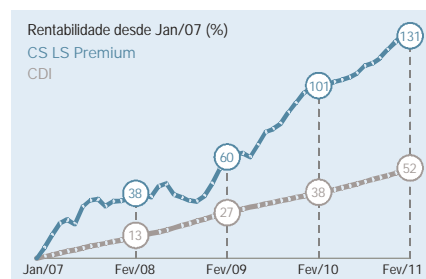
Credit Suisse Invest

Março de 2011

Fundos

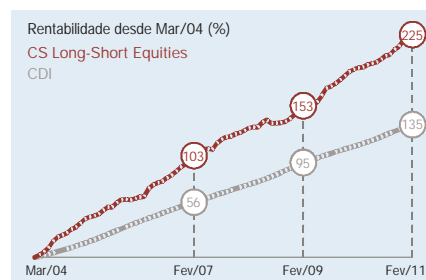
Credit Suisse LS Premium fecha para novas aplicações com patrimônio de R\$ 293 milhões

Com performance bastante positiva desde sua criação, 130,85% (249% do CDI) e, nos últimos 12 meses, 14,69% (143% do CDI), o Credit Suisse optou por fechar o fundo para novas captações, visando garantir a eficiência na gestão da estratégia de arbitragem de ações. O Credit Suisse LS Premium FIQ de FIA foi criado em janeiro de 2007, como forma de maximizar a longa experiência do Credit Suisse nessa estratégia, utilizada nos fundos multimercados do banco desde 1996. O Credit Suisse LS Premium FIQ de FIA não assume posições direcionais no mercado de renda variável, de forma que sua correlação com os diversos índices de ações tende a ser reduzida.



Credit Suisse Long-Short Equities permanece aberto para captação

O Credit Suisse Long-Short Equities FIQ de FIM, classificado com 5 estrelas pelo último Guia Exame na categoria Multimercados, permanece aberto para captação. O fundo também utiliza como estratégia de investimento posições de arbitragem em ações, sem assumir risco direcional na bolsa e oferece liquidez diária a seus cotistas. Desde seu início, o fundo acumula retorno de 225% (166% do CDI).



Foco

Pre vemos expansão da produção industrial de 3,5% em 2011

Performance da indústria desde o 2T10 tem sido desfavorável. A produção industrial de dezembro foi inferior ao patamar do 1T10. . Ante o trimestre anterior, a variação da produção diminuiu de 4,1% na média do 2T09 ao 1T10 para 1,1% no 2T10, -0,6% no 3T10 e -0,1% no 4T10.

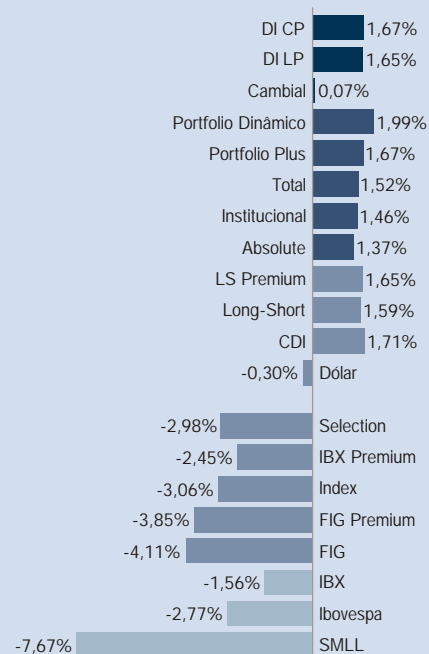
Maior penetração dos importados no consumo doméstico de bens industriais. Julgamos que a expansão das importações explica grande parte do desempenho desfavorável da produção industrial. O crescimento do consumo doméstico no setor foi de 6,9% no 4T10 em relação ao 4T09, ante alta de 2,9% da produção industrial. As importações responderam por 79% do aumento do consumo no período.

Maior incerteza em relação à dinâmica futura da produção industrial. O carregamento estatístico durante este ano indica retração da produção industrial de 0,6% em 2011. Prevemos aumento da produção industrial nos próximos trimestres, em um contexto de significativa expansão do consumo e dos investimentos. Esperamos crescimento da produção industrial de 3,5% em 2011.

Fundos	Fevereiro 2011	% benchmark
Renda Fixa		
Credit Suisse DI CP	0,83%	98%
Credit Suisse DI LP	0,81%	97%
Credit Suisse Cambial*	-0,72%	-
Multimercados		
Credit Suisse Portfolio Plus	0,73%	87%
Credit Suisse Portfolio Dinâmico	0,70%	83%
Credit Suisse Institucional	0,61%	72%
Credit Suisse Absolute	0,28%	33%
Credit Suisse Total	-0,20%	-
Long-Short		
Credit Suisse Long-Short	0,33%	39%
Credit Suisse LS Premium	-0,19%	-
Renda Variável		
Credit Suisse Index*	1,00%	-0,22%
Credit Suisse IBX Premium*	0,96%	-1,03%
Credit Suisse Selection*	0,35%	-0,35%
Credit Suisse FIG Premium*	-0,14%	-
Credit Suisse FIG*	-1,01%	-

*Retorno ativo = fundo - benchmark

Retorno acumulado em 2011



Panorama: Petróleo, inflação e crescimento

Em fevereiro, a atenção global se voltou para as regiões do Oriente Médio e do Norte da África e para a luta de suas respectivas populações por mudanças em seus regimes políticos. Alguns analistas identificam o significativo aumento nos preços dos alimentos como um dos estopins para o movimento, que foi compartilhado por povos de diferentes países. Entendemos que os impactos dos acontecimentos na região serão limitados para a trajetória de crescimento global, embora os riscos tenham aumentado. Consideramos prematura qualquer revisão em nosso cenário de crescimento em função do preço de petróleo mais alto registrado no momento. Segundo analistas do Credit Suisse, os impactos no crescimento global dos eventos recentes na Líbia são limitados. Caso as insurgências registradas no Egito e na Líbia se espalhem para países próximos como Argélia e Marrocos, a situação pode vir a ficar mais delicada. Entretanto, este contágio também parece ter probabilidade pequena, já que esses países têm adotado medidas preventivas para evitar levantes populares.

O potencial impacto negativo dessa situação no crescimento global se daria pela relevância dos gastos em energia no orçamento da população, principalmente norte-americana. Uma corrosão adicional no poder de compra já deprimido do consumidor norte-americano poderia abortar ou simplesmente reduzir o ritmo da recuperação em curso no país. Os dados mais recentes corroboram nossa leitura de recuperação no ritmo de atividade econômica dos Estados Unidos, embora os indicadores de emprego e do mercado imobiliário continuem a frustrar as expectativas de mercado. Ao mesmo tempo em que mantém política de juros baixos e até expansão monetária com a compra de ativos, o governo dos EUA tem tentado estimular o emprego, com o aumento e a implementação de mais linhas de crédito para as pequenas empresas, por exemplo.

Já na Europa, essa incerteza geopolítica soma-se à frágil situação da região com incertezas quanto à solvência de diversos países, entre eles Grécia, Irlanda, Portugal e Espanha. A equalização das questões europeias depende, em larga medida, de um crescimento mundial robusto e da manutenção do apetite a risco de investidores internacionais. Além disso, os países da periferia do bloco têm de ganhar competitividade em relação aos países centrais. Os dados de crescimento para a Zona do Euro mostraram-se positivos, embora tenham vindo acompanhados de números de inflação mais elevados na região. A recuperação no ritmo de crescimento econômico,

acompanhada de maior preocupação com a dinâmica da inflação, parece ser a tônica mesmo para países não signatários do Euro. A última reunião do Banco da Inglaterra, por exemplo, trouxe uma votação dividida, com alguns membros já favoráveis ao aumento de juros para combater a crescente pressão de preços na região, o que também aumenta a probabilidade de o Banco Central Europeu iniciar o ciclo de aperto monetário no curto prazo.

Enquanto os dados nas economias centrais apontam para uma recuperação ainda incipiente, os mercados emergentes, em larga escala, enfrentam problemas inerentes ao ritmo acelerado de crescimento. A China, por sua vez, tem implementado diversas medidas com o intuito de resfriar moderadamente sua economia e também conter o aumento de preços em geral, mas com atenção particular no mercado imobiliário. Em fevereiro, as autoridades chinesas aumentaram novamente a taxa de compulsório sobre os bancos, medida que tem se somado aos aumentos na taxa de juros nominal para a implementação da política monetária mais contracionista. Entendemos que uma eventual pressão maior dos preços de petróleo podem tornar o combate à inflação uma tarefa ainda mais delicada, uma vez que muitos dos países emergentes não possuem atualmente muita capacidade ociosa.

O Brasil compartilha de tais preocupações. Em meio à deterioração nas expectativas de inflação do mercado, o governo anunciou em fevereiro um corte de R\$ 50 bilhões no orçamento de 2011 e conseguiu a aprovação do salário mínimo de R\$ 545, inferior aos R\$ 560 ou R\$ 600 propostos pela oposição. Essas medidas estavam entre as principais condições do Banco Central para sua condução de política monetária, visando a convergência para as metas de inflação ainda em 2011. Com tais medidas, o governo esperava convencer o mercado de que a política fiscal seria mais austera, contribuindo assim para conter a demanda e, conseqüentemente, a remarcação de preços. Além da tentativa do governo de conter a evolução do gasto público, a arrecadação federal recorde de janeiro, anunciada em fevereiro, aumentou a possibilidade de cumprimento da meta de superávit fiscal já para 2011, revertendo uma tendência recente de deterioração. Na mesma linha, o Banco Central anunciou que as medidas macroprudenciais anunciadas em dezembro foram bem sucedidas e conseguiram reduzir o ritmo de expansão do crédito e aumentar os prazos e os custos das operações. De fato, os dados divulgados pelo BC relativos a janeiro já apontam para um desaquecimento

na expansão do crédito livre, levando alguns participantes de mercado a reduzir suas projeções de PIB para 2011 de 5,0% para números mais próximos a 4,0%.

Mesmo com as notícias mais positivas no setor fiscal, analistas seguem preocupados com a inflação para 2011 e 2012. Ainda há questionamentos quanto à capacidade do BC de ser bem sucedido na convergência rápida para a meta e no aumento de sua credibilidade para reancorar as expectativas do mercado. Consideramos que a inflação se aproximará da meta de maneira lenta nos próximos anos. A inércia inflacionária tem se mostrado surpreendentemente elevada no período recente. O grupo de preços de Serviços registrou inflação de 8,4% acumulada nos 12 meses até o dado do IPCA-15 de fevereiro, corroborando a percepção negativa sobre os efeitos da inércia inflacionária. Vários itens desse grupo como Educação, Aluguéis ou Empregados Domésticos refletem a inflação passada, reforçando o impacto da inércia sobre a dinâmica de preços. Esperamos que o grupo de Serviços continue a representar uma pressão altista para a inflação até 2012. Para observarmos um arrefecimento nos indicadores, os preços de alimentos, ou de commodities mais genericamente, teriam de recuar significativamente. Projetamos que a inflação de produtos industriais continuará a rodar abaixo da meta, como tem acontecido nos últimos dois anos. A concorrência com produtos importados, ao mesmo tempo em que a moeda brasileira mantém-se valorizada, contribui para manter esses preços sob controle.

Contudo, caso haja novo aumento nos preços de commodities ou de alimentos, a convergência da inflação para a meta torna-se mais difícil. O mercado de trabalho forte contribui para manter pressão altista nos salários de algumas categorias. A nova política de correção do salário mínimo também dificulta a convergência da inflação e realimenta a inércia. Até 2015, o salário mínimo será corrigido pela inflação do ano anterior somada à média de crescimento do PIB nos dois anos anteriores. Com o crescimento do PIB de cerca de 7,5% em 2010, já podemos assumir reajustes reais significativos para o salário mínimo em 2012 e 2013, pressionando a inflação futura e as contas públicas. Assim, nos parece que a convergência para as metas acontecerá de forma apenas lenta, com a inércia inflacionária reduzindo o efeito da política monetária na inflação corrente e, possivelmente, mantendo a taxa Selic em níveis elevados por um período mais longo.

Fundos multimercados

Em fevereiro, os fundos multimercados se beneficiaram de suas estratégias compradas em petróleo e também do direcional de bolsa. Entretanto, a estratégia de juros e de arbitragem de ações contribuíram negativamente no período. Em câmbio, a contribuição foi próxima a zero.

Ao longo do mês, entendemos que o Banco Central continuou a emitir sinais quanto à sua intenção de manter o ritmo de aperto monetário em 50 p.b. por reunião. Embora a inflação corrente acumulada em 12 meses tivesse alcançado patamar acima da meta de inflação de 4,5%, a leitura do BC era de que o comportamento do preço de alguns alimentos

era o responsável por esse movimento. Além disso, o BC explicitou sua visão de que as medidas macroprudenciais foram bem sucedidas em atacar algumas distorções pontuais na economia brasileira. Por fim, as notícias fiscais mais positivas corroboraram nossa leitura de que a autoridade monetária estaria confortável com o ritmo estabelecido de aperto de juros. No entanto, ao fim do mês e a poucos dias da reunião do Copom, jornais passaram a circular notícias de que o governo estaria estudando acelerar o ritmo de aumento de juros.

Embora não houvesse nenhuma confirmação da informação, o mercado passou a precificar os

impactos dessa possível aceleração, levando a curva a ficar novamente invertida. Nesse ambiente, os fundos multimercados devolveram parte dos ganhos obtidos com essa posição em janeiro. Entendemos que os sinais da autoridade monetária continuam a indicar manutenção no ritmo de aperto monetário em 50 p.b. por reunião. Desta forma, os fundos continuam posicionados no sentido de haver uma maior inclinação na curva de juros.

A estratégia de moedas não teve contribuição significativa para os fundos no mês. O Real tem oscilado muito pouco em um intervalo bem definido. Os fundos aproveitaram a redução na volatilidade para trocar suas posições vendidas em Reais por

meio de contratos futuros por uma posição via opções. Entendemos que o governo continua empenhado em não permitir uma valorização significativa do Real, o que poderia impactar ainda mais a competitividade da indústria nacional.

Os fundos também montaram, na segunda quinzena de fevereiro, uma posição comprada em petróleo, como uma forma alternativa de proteger a exposição direcional em bolsa.

A posição se beneficiaria de dados mais robustos de crescimento nas economias desenvolvidas e embutiria uma opção de deterioração na situação no Oriente Médio e no Norte da África. Além da posição direcional em petróleo, os fundos também montaram posição de arbitragem entre os contratos de petróleo, tentando se aproveitar de distorções pontuais. Ao fim do mês, os fundos zeraram suas exposições direcionais em petróleo, quando os objetivos de preços de tal posição foram alcançados.

Em bolsa, os fundos mantiveram sua posição comprada em fevereiro, com pequena redução da exposição ao longo do mês. Setores mais expostos aos movimentos de juros, como Imobiliário e de Consumo, registraram perdas significativas no período. Com o agravamento da situação no Oriente Médio e no Norte da África, o setor de petróleo passou a registrar ganhos significativos. Em termos setoriais, apesar de os fundos multimercados terem rebalanceado suas carteiras para uma composição mais equânime entre setores atrelados à economia doméstica e a commodities, a contribuição foi negativa para a performance do mês.

Fundos de renda variável

Em fevereiro, a bolsa brasileira novamente apresentou performance inferior à bolsa norte-americana. O Ibovespa registrou alta de 1,2%, enquanto o S&P teve performance positiva em 3,4%. O mês registrou fluxo de saída de investidores estrangeiros, tanto do Brasil, como de outros mercados emergentes. As incertezas no Oriente Médio e a alta do preço de petróleo contribuíram para aumentar a volatilidade dos mercados no mês. Já no mercado doméstico, o foco manteve-se na inflação, enquanto o governo segue agindo em busca de medidas que reduzam a demanda interna e permitam uma convergência da inflação para sua meta.

A performance do setor de commodities teve um desempenho neutro com exceção do setor de Petróleo, que se beneficiou muito da volatilidade externa. Os dados mais recentes da economia chinesa confirmaram que a demanda do país asiático continua muito forte, em particular em relação a minério de ferro, embora o governo esteja ainda preocupado com a inflação corrente. A expectativa de manutenção da recuperação da economia dos EUA reforçou o fluxo de saída de emergentes, de volta aos EUA.

Já a performance do setor mais atrelado à economia doméstica brasileira foi negativamente impactada pela crescente preocupação com inflação e a continuidade do ciclo de alta de juros. Principalmente o setor imobiliário, do qual alguns

ativos caíram entre 5% e 10%. Não esperamos que este movimento continue no curto prazo. Entendemos que o mercado começará a procurar ativos que tenham tido realizações muito significativas, de forma semelhante ao que aconteceu com o setor de Bancos. Em janeiro, as ações deste setor registraram queda de cerca de 10%, enquanto subiram praticamente 3% em fevereiro.

Apesar do ruído externo advindo do Egito e das preocupações globais com China, as perspectivas para o crescimento global indicam uma recuperação gradual, liderada pelos EUA. Projetamos que o Brasil manterá sua trajetória de crescimento, com inflação sob relativo controle. Contudo, esperamos que o ano de 2011 represente um ajuste para as políticas econômicas brasileiras.

A política monetária passará a ser mais restritiva, com o BC aumentando juros para trazer a inflação de volta para sua meta. Ao mesmo tempo, a política fiscal passará a ser mais austera, com o governo revertendo a tendência de aumento de gastos registrada nos dois últimos anos. Neste cenário, seguimos otimistas com o país e cuidadosos com empresas sensíveis a essa dinâmica de curto prazo e que tenham múltiplos ainda elevados.

Texto preparado pela equipe de gestão do Asset Management.

Foco

Prevemos expansão da produção industrial de 3,5% em 2011

Performance da indústria desde o 2T10 tem sido desfavorável. A produção industrial de dezembro foi inferior ao patamar do 1T10. Ante o trimestre anterior, a variação da produção diminuiu de 4,1% na média do 2T09 ao 1T10 para 1,1% no 2T10, -0,6% no 3T10 e -0,1% no 4T10. Essa estagnação nos últimos trimestres tem sido disseminada, com a produção de dezembro em todas as categorias sendo inferior ao máximo de 2010.

Estagnação da produção contrasta com outros indicadores de atividade. O baixo crescimento ou mesmo contração da produção industrial nos últimos meses contrasta com a dinâmica favorável de outros indicadores, tais como: expansão das vendas reais do varejo; elevada confiança dos empresários industriais; e expansão do mercado de trabalho na indústria.

Julgamos pouco robusta a tese de que o ajuste de estoques foi responsável pela retração da produção industrial desde o 1T10. A argumentação de que a redução da

produção deveu-se aos elevados estoques existentes não nos parece razoável, porque os ajustes de estoques são, em geral, curtos. Porém, reconhecemos que a maior expansão do faturamento real ante a produção no 2S10 sustenta uma tese como essa. As evidências setoriais são escassas, permitindo concluir, apenas, que os estoques diminuíram mais no setor automotivo do que no siderúrgico nos últimos meses.

Maior penetração dos importados no consumo doméstico de bens industriais. Julgamos que a expansão das importações explica grande parte do desempenho desfavorável da produção industrial. O crescimento do consumo doméstico (produção doméstica + importações - exportações) no setor foi de 6,9% no 4T10 em relação ao 4T09, ante alta de 2,9% da produção industrial. As importações responderam por 79% do aumento do consumo no período. A forte alta das importações no 2S10 foi acompanhada pela retração da produção em vários setores

importantes para a alta da produção industrial nos últimos anos, como Máquinas e equipamentos e Metalurgia básica.

Maior incerteza em relação à dinâmica futura da produção industrial. O carregamento estatístico (estabilidade do índice com ajuste sazonal) durante todos os meses deste ano indica retração da produção industrial de 0,6% em 2011. Prevemos aumento da produção industrial nos próximos trimestres, em um contexto de significativa expansão do consumo e dos investimentos. Esperamos crescimento da produção industrial de 3,5% em 2011. Isso assume forte expansão da produção ao longo deste ano. Entretanto, o frágil desempenho da produção industrial eleva o risco de a expansão em 2011 ser inferior à nossa previsão, principalmente caso a parcela da demanda atendida pelos importados seja ainda maior do que projetamos.

Nilson Teixeira, Ph.D. em economia pela Universidade da Pensilvânia, economista-chefe do Credit Suisse.

Tabela de Rentabilidades e Índices

Fundos Renda Fixa	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 12 meses	Taxa de administração (a.a.)	Taxa de performance	Patrimônio (R\$) Fev-11	Patrim. médio (R\$) 12 meses
Credit Suisse DI Curto Prazo 00.832.453/0001-84 desde 02/10/95	0,83%	0,84%	0,91%	0,79%	0,79%	0,83%	0,87%	0,84%	0,77%	0,74%	0,65%	0,74%	1,67%	10,02%	1,0%	-	77.234.555	74.894.486
Credit Suisse DI Longo Prazo 04.085.488/0001-58 desde 19/01/05	0,81%	0,83%	0,90%	0,78%	0,78%	0,82%	0,86%	0,83%	0,76%	0,72%	0,64%	0,73%	1,65%	9,88%	min.: 0,3% máx.: 0,5%	-	109.312.565	135.536.239
Credit Suisse Cambial 01.464.595/0001-07 desde 02/07/98	-0,72%	0,79%	-2,96%	0,73%	0,69%	-3,61%	-0,01%	-2,18%	-1,18%	4,81%	-2,42%	-1,46%	0,07%	-7,52%	min.: 1,0% máx.: 1,2%	-	13.534.925	10.635.206
Fundos Multimercados	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 12 meses	Taxa de administração a.a.	Taxa de performance	Patrimônio (R\$) Fev-11	Patrim. médio (R\$) 12 meses
Credit Suisse Portfolio Plus ^{(5) (6)} 00.832.454/0001-29 desde 02/10/95	0,73%	0,93%	0,90%	0,74%	0,66%	0,71%	0,86%	0,72%	0,66%	0,82%	0,47%	0,75%	1,67%	9,35%	min.: 0,75% máx.: 1,5%	20% do excedente ao CDI	248.198.898	427.543.636
Credit Suisse Institucional ^{(5) (6)} 01.627.020/0001-50 desde 19/03/96	0,61%	0,85%	1,02%	0,68%	0,70%	0,72%	0,92%	0,66%	0,60%	0,82%	0,30%	0,46%	1,46%	8,66%	min.: 1,0% máx.: 1,5%	20% do excedente ao CDI	48.716.360	70.494.834
Credit Suisse Absolute ^{(2) (5) (6)} 05.508.779/0001-74 desde 05/05/03	0,28%	1,08%	1,85%	0,87%	0,84%	0,73%	1,35%	0,26%	0,13%	0,89%	-0,54%	0,02%	1,37%	8,03%	min.: 1,0% máx.: 1,5%	20% do excedente ao CDI	71.974.317	57.259.896
Credit Suisse Portfolio Dinâmico ^{(5) (6)} 08.708.525/0001-98 desde 31/07/09	0,70%	1,28%	1,09%	0,87%	0,99%	0,26%	1,23%	0,41%	0,36%	1,60%	-0,16%	1,19%	1,99%	10,26%	min.: 1,0% máx.: 1,5%	20% do excedente ao CDI	89.558.103	53.020.022
Credit Suisse Total^{(5) (6)} 07.662.280/0001-42 desde 29/09/06	-0,20%	1,72%	3,28%	0,81%	1,55%	0,04%	2,06%	-0,53%	-0,50%	0,75%	-1,67%	-0,88%	1,52%	6,49%	min.: 1,25% máx.: 1,4%	25% do excedente ao CDI	39.455.505	77.249.837
Fundos Long-Short	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 12 meses	Taxa de administração a.a.	Taxa de performance	Patrimônio (R\$) Fev-11	Patrim. médio (R\$) 12 meses
Credit Suisse Long-Short Equities ⁽⁵⁾ 05.511.037/0001-06 desde 12/04/04	0,33%	1,26%	2,23%	1,01%	1,61%	0,43%	1,30%	0,89%	0,38%	0,49%	0,87%	0,18%	1,59%	11,51%	min.: 1,0% máx.: 1,5%	25% do excedente ao CDI	105.567.796	98.237.579
Credit Suisse Long-Short Premium^{(2) (5)} 08.439.602/0001-51 desde 31/01/07	-0,19%	1,84%	1,99%	2,28%	1,42%	0,69%	2,14%	1,05%	0,70%	0,58%	1,06%	0,23%	1,65%	14,69%	min.: 1,25% máx.: 1,75%	25% do excedente ao CDI	289.886.193	151.911.346
Índices comparativos	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 12 meses				
CDI	0,84%	0,86%	0,93%	0,81%	0,81%	0,84%	0,89%	0,86%	0,79%	0,75%	0,66%	0,76%	1,71%	10,23%				
Variação cambial (R\$/US\$ - PTAX800)	-0,73%	0,43%	-2,91%	0,86%	0,42%	-3,52%	-0,07%	-2,46%	-0,84%	4,98%	-2,83%	-1,66%	-0,30%	-8,27%				
Fundos Renda Variável ⁽³⁾	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 36 meses	Taxa de administração a.a.	Taxa de performance	Patrimônio (R\$) Fev-11	Patrim. médio (R\$) 36 meses
Credit Suisse FIG Premium ⁽⁵⁾ 42.467.530/0001-94 desde 03/03/99	-0,14%	-3,71%	4,71%	-1,70%	0,88%	6,09%	-3,57%	10,37%	-3,36%	-6,69%	-4,24%	5,69%	-3,85%	-5,34%	min.: 1,0% máx.: 1,33%	25% do excedente ao Ibovespa	37.063.890	41.548.646
Credit Suisse FIG ⁽⁵⁾ 03.603.330/0001-60 desde 11/05/73	-1,01%	-3,14%	4,16%	-1,77%	1,34%	5,79%	-3,73%	10,36%	-3,35%	-6,73%	-4,47%	5,80%	-4,11%	-8,07%	min.: 2,0% máx.: 2,33%	-	2.551.136	6.236.357
Credit Suisse Index ^{(1) (5)} 01.891.007/0001-03 desde 25/02/97	1,00%	-4,02%	2,22%	-4,34%	1,66%	6,49%	-3,74%	10,70%	-3,40%	-7,01%	-4,21%	5,73%	-3,06%	2,30%	min.: 1,0% máx.: 1,33%	-	1.731.070	3.276.244
Credit Suisse IBX Premium ⁽⁵⁾ 05.220.139/0001-64 desde 01/10/02	0,96%	-3,38%	5,82%	-1,87%	0,82%	6,31%	-3,75%	10,96%	-4,78%	-6,20%	-3,97%	4,98%	-2,45%	-4,49%	min.: 1,0% máx.: 1,33%	25% do excedente ao IBRX	17.130.725	23.908.435
Credit Suisse Selection ⁽⁵⁾ 08.708.510/0001-20 desde 31/07/09	0,35%	-3,32%	3,95%	1,85%	6,60%	5,44%	2,15%	12,40%	2,31%	-5,39%	-0,16%	-2,58%	-2,98%	24,55%	min.: 2,0% máx.: 2,5%	20% do excedente ao SMLL	10.028.184	4.393.295
Índices comparativos ⁽⁴⁾	Fev-11	Jan-11	Dez-10	Nov-10	Out-10	Set-10	Ago-10	Jul-10	Jun-10	Mai-10	Abr-10	Mar-10	Acum. 2011	Rentab. 36 meses				
IBX	2,00%	-3,49%	3,47%	-3,26%	1,67%	6,93%	-3,39%	11,00%	-4,71%	-5,98%	-3,70%	5,21%	-1,56%	-0,40%				
Ibovespa	1,22%	-3,94%	2,36%	-4,20%	1,79%	6,58%	-3,51%	10,80%	-3,35%	-6,64%	-4,04%	5,82%	-2,77%	4,17%				
SMLL	0,70%	-8,31%	1,91%	-0,99%	6,35%	5,13%	0,35%	11,83%	3,02%	-3,54%	-0,48%	-1,36%	-7,67%	-				

⁽¹⁾ Taxa de entrada e saída 0,25%. ⁽²⁾ Fundo fechado para captação. ⁽³⁾ Em atendimento à Instrução CVM nº 465, desde 02/05/2008, estes fundos deixaram de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passaram a fazê-lo com base na cotação de fechamento. Assim, comparações de rentabilidade devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média dos índices de ações e, para períodos posteriores a essa data, a cotação de fechamento. ⁽⁴⁾ Até abr-08 índices com a cotação média. A partir de mai-08, índices com a cotação de fechamento. ⁽⁵⁾ Fundos multimercado e fundos de ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de renda variável de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. ⁽⁶⁾ Estes fundos estão autorizados a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior.

Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. As rentabilidades divulgadas neste material não são líquidas de impostos.

Estes fundos de investimento utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus quotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do quotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo dos fundos.

